

# A importância da semiótica para a interpretação textual

## Autores:

### Cleidiane Silva Castro Sampaio

*Pedagoga, especialista em Psicopedagogia Institucional e Clínica; em Ensino Aprendizagem de Língua Portuguesa e Literaturas e em Docência no Ensino Superior.*

### Jakelyane do Socorro das Neves Barbosa

*Licenciada em Letras-Português, pós-graduada em Estudos Linguísticos e Análise Literária*

### Prícila da Cunha Glim de Oliveira

*Bacharel em Zootecnia e graduanda em Letras/Língua Portuguesa, Universidade Federal Rural da Amazônia (UFRA)*

### Rafael Jacson da Silva Carneiro

*Mestre em Teologia e coordenador na Zao Atendimento Neuropsicopedagógico*

DOI: 10.58203/Licri.83240

## Como citar este capítulo:

SAMPAIO, Cleidiane Silva Castro et al. A importância da semiótica para a interpretação textual. In: MEDEIROS, Janiara de Lima (Org.). **Ensino e Educação: contextos e vivências**. Campina Grande: Licuri, 2023, p. 260-270. v. 1.

ISBN: 978-65-999183-2-2

## Resumo

O artigo versa sobre a abordagem semiótica diante do texto como uma unidade de sentido, independente da linguagem e a importância desse elemento na interpretação. A semiótica parte, então, da busca pela construção de sentido no texto, tendo como meta explicitar as condições de apreensão de sentido. O objetivo deste estudo foi investigar a forma como ela pode ser utilizada na interpretação textual. O resultado de uma análise semiótica pode esclarecer vários fatores implícitos em qualquer tipo de texto e apontar questões que não se consegue enxergar com clareza, por essa razão, mais adiante se encontram as observações que comprovam a necessidade da busca pelas condições de apreensão de sentido de um texto, por meio da semiótica. A partir disso possibilitou conhecer um pouco sobre os precursores da semiótica abordando definições de Peirce, Greimas, Santaella, entre outros.

**Palavras-chave:** Língua portuguesa. Signos. Linguagem.

## INTRODUÇÃO

A semiótica é o estudo dos processos de signos, que são qualquer atividade, conduta ou processo que envolva signos, onde um signo é definido como qualquer coisa que comunica algo, geralmente chamado de significado, ao intérprete do signo. (SANTAELLA, 2003), que se alinha com o pensamento peirceano. Neste ponto de vista, a “semiótica é a ciência dos signos e dos processos significativos (semiose) na natureza e na cultura”. De acordo com a Semiótica Peirceana, ao representar um objeto, o signo produz na mente do intérprete algo que pode ser um novo signo ou um quase-signo, que se relaciona com o objeto não de maneira direta, mas através da medição do signo anterior.

A semiótica apresenta-se em três tipos: a doutrina elaborada por Charles Sanders Peirce, o desenvolvimento do formalismo russo e a teoria da significação levantada por Algirdas Julien Greimas. A teoria adotada por Greimas, prioriza não mais as relações entre os signos, mas o processo de significação capaz de gerá-los. Partindo da dicotomia de Saussure, com significado versus significante.

Então, a semiótica de modo geral, é uma doutrina ou um modo de reflexão sistemática sobre os signos, sua classificação, as leis que os regem e seus usos no âmbito da comunicação e seus significados. Em sentido mais estrito, adotado a partir do século XX, esta passou a ser uma disciplina acadêmica de caráter autônomo.

A semiótica como ciência da significação, difundida largamente através dos trabalhos de Greimas e seus colaboradores da Escola Semiótica de Paris, teve por concepção fundadora a teoria hjelmsleviana sobre o signo que veio a complementar a teoria sígnica de Saussure. O criador da Glossemática, como fizera Saussure, viu no signo dois planos: o conteúdo (o significado) e a expressão (significante). Só que, diferentemente daquele, observou em cada plano: substância (sistema) e forma (texto). A significação entendida então como a função semiótica é a relação de dependência que se estabelece entre o plano do conteúdo e o plano da expressão

O objetivo deste artigo é abordar sobre a importância da semiótica a partir do ponto de vista dela se relacionada a interpretação textual e de como seus elementos oportunizam o entendimento de um discurso e seus interlocutores sejam em linguagens verbais ou não-verbais.

## PRECURSORES DA SEMIÓTICA

A semiótica é uma disciplina recente nas ciências humanas. Surgiu no século XX como outros campos teóricos novos, como a psicanálise. Porém, a semiótica tem suas raízes bem antigas, que remontam à antiguidade grega. O termo semiótica foi introduzido pelo filósofo inglês John Locke (1632-1704), e também na Alemanha e no Leste Europeu. Apesar de, por muitos anos, ter prevalecido o termo “Semiologia” entre os chamados estruturalistas franceses, termo introduzido pelo linguista suíço Ferdinand de Saussure (1857-1913), o termo semiótica foi adotado definitivamente como padrão para os estudos dos signos a partir do ano de 1969.

Na visão de Saussure (2012) o conceito de signo a partir da análise do circuito da fala. Ele considera a fala um ato individual e que pressupõe no mínimo dois sujeitos para que o diálogo se estabeleça por completo. A dinâmica nesse processo se constitui pela associação intrínseca entre o conceito e as imagens psíquicas que são desencadeadas pelos sujeitos em um método de comunicação, onde o signo linguístico é uma entidade psíquica de duas faces, se configura a partir da inter-relação entre conceito e imagem acústica (ou psíquica).

Saussure (2012) enfatiza que não devemos associar o signo linguístico à união de uma coisa a uma palavra, mas sim o conceito à imagem acústica, sendo que esta não se materializa na representação de um som, mas na impressão psíquica que o som é capaz de nos direcionar ao testemunho de nossos sentidos.

A definição de signo está diretamente associada com aquilo que representa alguma coisa, algum objeto. É aquilo que, de certa forma, representa algo a alguém, sugerindo-lhe um signo mais elaborado. Destaca-se, aqui, o circuito da fala de Saussure (2012) na construção do significado de um signo, no qual a imagem acústica se configura como uma associação entre o objeto percebido e os construtos teóricos que o sujeito possui, mas essa imagem não pode ser interpretada como algo concreto, mas como a sinalização de um processo de desenvolvimento conceitual que vincula o signo a representação do objeto. Saussure (2012) compreende o signo como sendo a totalidade, a combinação entre conceito e imagem psíquica.

De certa forma, o autor afirma que ao usarmos o termo signo nos referimos geralmente à imagem acústica. A fim de reduzir essa ambiguidade, o teórico genebrino faz uma distinção dos termos da seguinte forma: o conceito se refere ao significado e a

imagem acústica ao significante.

A linguística não é uma parte, menos privilegiada, da ciência dos signos: semiologia é que é parte da linguística; mais precisamente, a parte que se encarregaria das grandes unidades significantes do discurso (BARTHES, 1999, p.13).

No entanto, é importante considerarmos que os termos não são independentes. Eles coexistem de maneira complementar sustentando a totalidade do signo. Já para Peirce, não há sentido em se falar de arbitrariedade. Para ele, interessa saber como existe comunicação sem interlocutores.

A preocupação da semiótica é a de estudar a natureza essencial e as variedades fundamentais de toda semiose possível Segundo Morris ( 1985), citado por Dascal, entende-se por semiose o "processo no qual qualquer coisa funciona como um signo". Para Peirce, existem três ordens de significação, três tipos de significado, que corresponderiam, aproximadamente, a três estágios de pensamento.

A Semiótica de Pierce compõe uma ampla arquitetura filosófica concebida como ciência com caráter extremamente geral e abstrato. Ela é um dos membros da tríade das ciências normativas - estética - ética - lógica ou semiótica. (SANTAELLA, 2002, p.22).

A compreensão de uma palavra pode consistir: em uma familiaridade com a palavra, no sentido de aplicá-la corretamente no discurso; uma análise abstrata da concepção ou compreensão de suas relações intelectuais com outros conceitos; um conhecimento do possível resultado fenomenal e prático da asserção do conceito. "Uma palavra possui um significado, para nós, na medida em que somos capazes de apreender o conhecimento que outros procuram comunicar-nos". Peirce 1977(Ano, p. 45),

Para Peirce 1977, esse seria o grau mais baixo de significado, onde "O significado de uma palavra é, de forma mais completa, a soma de todas as predições condicionais pelas quais a pessoa que a utilize pretende tornar-se responsável ou pretende negar. Essa intenção consciente ou quase consciente no uso da palavra é seu segundo grau de significado. Mas, além das consequências com as quais conscientemente se compromete

a pessoa que aceita uma palavra, há um amplo oceano de decorrências imprevistas que á aceitação da palavra está destinada a não apenas consequências e conhecimento, mas, talvez, revoluções na sociedade. Ou seja, nunca se pode dizer qual poder que pode haver numa palavra ou numa frase, para mudar a face do mundo: e a soma destas consequências perfazem o terceiro grau do significado".

Na perspectiva de Hjelmslev (1975), em sua obra *Prolegômenos a uma teoria da linguagem* desenvolve o conceito de signo a partir de um ponto de vista crítico, colocando em evidência a teoria tradicional e moderna da linguística. O teórico dinamarquês tem cuidado ao usar o conceito de signo, considerando que não há uma definição clara de seu significado. Para que possa desenvolver um conceito mais elaborado, o autor se fundamenta na Função Semiótica, a qual se baseia na relação entre duas grandezas: a expressão e conteúdo.

A função semiótica emerge da relação solidária entre expressão e conteúdo. Hjelmslev (1975) elabora uma elucidação do termo signo, retomando a definição tradicional, da qual destaca que signo é tudo aquilo que representa alguma coisa, o objeto. Este objeto, ou essa representação de alguma coisa reside fora do signo, incitando uma grandeza. Considera-se, então, que essa grandeza corresponde à substância do conteúdo. Sendo o objeto direcionado para a substância do conteúdo há, de forma intrínseca, relação com a forma do conteúdo, uma vez que substância e forma não podem coexistir independentemente.

O linguista também afirma que o signo é signo de uma substância de expressão, isto é, enuncia uma sequência de sons que se configura como o resultado do sentido que se estabelece a partir da característica paradigmática da massa amorfa do conjunto de sons da diversidade de línguas. O signo, dessa forma, se liga a uma forma de expressão.

Pode-se observar que a caracterização que Hjelmslev (1975) atribui ao signo dialoga com a forma de conteúdo e substância de conteúdo e, também, com a forma de expressão e substância de expressão. O teórico dinamarquês afirma que a forma e a substância das duas grandezas compõem o plano da expressão e o plano do conteúdo.

Greimas (1969) propõe uma equiparação com base na qual chama-se a semiótica textual. Na , tendo por elemento o texto. De acordo com a teoria semiótica greimasiana, Fiorin (1996) observa que o processo de geração de sentido é entendido como um percurso gerativo, simulacro metodológico do ato real de produção significante, que vai do mais simples e abstrato ao mais complexo e concreto por meio de mecanismos de

conversão. Nesse percurso, distinguem-se a imanência, que tange ao plano do conteúdo (contempla o níveis fundamental, o narrativo e o discursivo) da manifestação, que é a união de um plano de conteúdo com um ou vários planos de expressão (ideia transformada em produto: pode ser um filme, um quadro etc.). A enunciação é a ponte, o momento de transição, a mediação entre a imanência e a manifestação.

Na semiótica proposta por Greimas (1969), enunciar é transformar ideia em discurso, sendo, pois, um trabalho de construir. A enunciação compreende o ‘dizer’ e o enunciado o ‘dito’. As estratégias de persuasão podem se basear no acordo que se estabelecem entre enunciação e enunciado e o conflito entre os mesmos. No que concerne aos contratos enunciativos, Fiorin (1996) menciona que, quando há um acordo entre enunciado e enunciação, e ao produzir um enunciado, o enunciador estabelece um acordo fiduciário (de fé), que determina o estatuto veridictório do texto, por exemplo, quando o enunciador falar algo, o enunciatário, mesmo sabendo que é mentira, vai agir como se fosse verdade. O autor afirma que esse acordo fiduciário apresenta dois aspectos: (a) como o texto deve ser considerado do ponto de vista da verdade e da realidade: há procedimentos culturais e sociais que determinam o estatuto de verdade.

Portanto na visão de Fiorin (1996) fazer uma análise semiótica nos permite enxergar além do que o texto mostra em uma primeira leitura. É uma maneira de compreender qual é a verdadeira intenção do enunciador ao produzir determinado texto e a partir disso entender o texto como uma unidade de sentido completa e que nele poderão ser encontrados sentidos diversos.

## A SEMIÓTICA E O TEXTO

A ciência chamada semiótica, no decorrer de sua história, andou sendo confundida com outras ciências de radical semelhante e de Objetos de estudo aproximados. O termo, oriundo do vocábulo grego *semêion*, permite traduzir-se por *signo*, *sema* ou *sinal*, o que, provavelmente, responde pela imprecisão no estabelecimento dos limites da semiótica com outras ciências afins, como a semântica e a semiologia. Embora conscientes do inter-relacionamento entre elas, hoje, sobretudo a partir dos estudos sobre o *signo*

Considerando palavras, frases e textos como *signos*, temos, para Saussure, que o

ponto de vista cria o objeto. O signo é arbitrário, imotivado, convencional.

Desse modo, a relação que se estabelece entre significado e significante é arbitrária, acontece mentalmente. Para Saussure, o que interessa é a função comunicativa, ou o funcionamento dos signos no seio da vida social: o que constituem os signos, que leis os regem. Na visão Peirciana, não há sentido em se falar de arbitrariedade. Para ele, interessa saber como existe comunicação sem interlocutores. A preocupação da semiótica é a de estudar a natureza essencial e as variedades fundamentais de toda semiose possível.

Por muito tempo, o estudo do texto em sala de aula serviu à transmissão dos valores das classes hegemônicas. Sabe-se que o estudo do texto serve tanto para a abertura de sentidos quanto para a sua anulação, ou seja para o apagamento de certas reflexões. Os conteúdos expostos pelos textos é que revelam os objetivos da educação e que, em inúmeros estudos realizados sobre educação, são apontados como não claros, em que não se especifica os objetivos da leitura, por exemplo, servindo esta apenas para a decodificação de signos.

A semiótica vem elencar ao fato de tanqe o texto serve muito mais do que um pretexto para ser mecanismo de decodificação, situação esta muito criticada por autores que entendem a importância do texto em sala de aula. Isto é, falta dispor aos alunos textos que estão além dos apresentados nos livros didáticos e que lhes permitam se situarem dentro do seu momento histórico, aproximando- os da sua realidade. Essa ciência que abrange tanto as linguagens verbais- quanto não-verbais busca entender como o ser humano consegue interpretar as coisas e não somente questões ligadas a um texto. uma das vertentes da semiótica é a semântica parte esta que se preocupa com os sentidos do discurso. Conforme Barros (2003, p. 66),

[...] o exame das estratégias discursivas tem sido um dos principais objetivos dos estudos semióticos nos últimos anos. A esses esforços devem-se somar os das teorias pragmáticas e da análise da conversação, propostas teóricas que consideram, todas elas, os mecanismos de interação social como fenômenos sistemáticos, cujo conhecimento faz parte das regras que o falante de uma língua domina (Barros, 2003, p. 66).

Diante disso, a linguagem deve ser pensada em relação à constituição dos sujeitos e à produção de novos sentidos. Assim, o discurso supõe um sistema que se relaciona com sua exterioridade, pois sem história não há sentido, ou seja, é a inserção da história na língua que faz com que ela signifique. Dessa forma, é visto como o resultado de uma construção que exige a presença de um sujeito ideológico que, inserido em um contexto social e histórico, desencadeia o processo de significação. Pensa-se em discurso não como uma forma mas sim como um meio.

Quando o professor propõe que o aluno leia um livro, que não seja o livro didático, esse professor utiliza uma metodologia arcaica e limitada, pois não permite que o aluno faça uma leitura livre, mas solicita dele resumos e fichas de leitura que tornam o ato de ler uma atividade tensa, exaustiva e mecânica. Se o texto se apresenta como um caminho para a construção de sentidos, como aponta Paulo Freire (1996) e Geraldi (1998) está aí a importância do trabalho em sala de aula com textos variados que possibilitem ao aluno lidar com a realidade social, com os vários sentidos afixados pelas diversas leituras.

Diante de novas tecnologias da informação e da aparição de multi gêneros com elas, Marcuschi (2008, p. 198) pergunta “se a escola deverá amanhã se ocupar de como se produz um e-mail e outros gêneros do discurso do mundo virtual ou se isso não é sua atribuição. Pode a escola continuar ensinando como se escreve cartas [...]?”. A escola não deve ampliar seus objetivos e modificar sua metodologia visando atender às necessidades prementes? Na citação que segue se apresenta a relevância do trabalho com diversos gêneros no ambiente escolar.

Nessa perspectiva, é necessário contemplar, nas atividades de ensino, a diversidade de textos e gêneros, e não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas. O texto possui uma unidade mínima de significação e de sentido, de modo que o leitor assume um papel ativo na constituição dos vários sentidos do texto, uma vez que esses sentidos dependem da sua atuação sobre o livro. Os significados constituem-se por meio de sua compreensão.

Portanto, consta-se que o livro possui em sua estrutura elementos de modalização do sujeito leitor, que é provocado para um fazer transformador, tanto do texto como do leitor. Cria-se um todo articulado por diferentes unidades de significação, para engendrar



sentido. Esse que se constitui pelo ato gerador de significar, supera a recepção e a percepção, e instala um sujeito semiótico, resultante da organização discursiva do texto.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que os diferentes autores exploram a semiótica sob diferentes perspectivas,. Em a “Semiótica do Século XX”, Nöth (1996) abordou alguns desses teóricos, tais como: Saussure, Hjelmslev, Jakobson, Barthes, Eco, entre outros. Embora não tenha abordado Peirce junto aos teóricos do século XX, ele reconhece a importância dos paradigmas peirceanos. Apesar de existirem diversas abordagens, limita-se à definição de semiótica empregada as questões do texto.

Diferentes autores exploram a semiótica sob diferentes perspectivas,tais como: Saussure, Hjelmslev, Jakobson, Barthes, Eco, entre outros. Embora não tenha abordado Peirce junto aos teóricos do século XX, ele reconhece a importância dos paradigmas peirceanos. Apesar de existirem diversas abordagens, limita-se à definição de semiótica empregada as questões do texto.

A semiótica se propõe analisar e interpretar, a nível profundo, questões presente dentro de um enunciado ou seja, a semiótica serve para entender os signos e, com base nisso, aprimorar a comunicação. Assim, seus elementos são importantes, por exemplo, no aprendizado e no trabalho com textos em sala de aula. Ela também é útil na análise do comportamento humano e da organização da sociedade, já que as linguagens são instrumentos de expressão de pensamentos e emoções.

Sabe-se que diferentes autores exploram a semiótica sob diferentes perspectivas, em a “Semiótica do Século XX”, Nöth (1996) abordou alguns desses teóricos, tais como: Saussure, Hjelmslev, Jakobson, Barthes, Eco, entre outros. Embora não tenha abordado Peirce junto aos teóricos do século XX, ele reconhece a importância dos paradigmas peirceanos. Apesar de existirem diversas abordagens, limita-se à definição de semiótica empregada as questões do texto.

## REFERÊNCIAS

BARROS, Diana Luz Pessoa de. Teoria Semiótica do Tex-to. São Paulo: Ática, 1990.

BARTHES, Roland. A aula: aula inaugural da cadeira de semiologia literária do Colégio de França: pronunciada dia 7 de janeiro de 1977. Tradução: Leyla Perrone-Moisés. São Paulo: Editora Cultrix, 2004. 12ª Ed. 89p. 1990

BURGO, Vanessa Hagemeyer; FERREIRA, Eduardo Francisco; STORTO, Letícia Jovelina. Mecanismos de debragem e embreagem actanciais empregados na língua falada. Estudos Semióticos. [on-line] Disponível em: [http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es\\_i](http://www.fflch.usp.br/dl/semiotica/es_i). Editores Responsáveis: Francisco E. S. Merçon e Mariana Luz P. de Barros. Volume 7, Número 2, São Paulo, novembro de 2011, p. 16-25. Acesso em “08/01/23”.

COSTA, Jacqueline Calisto; Soares, Raquel de Paula Pinto. Análise semiótica de campanha publicitária O Boticário

HJELMSLEV, L. Prolegômenos a uma teoria da linguagem. São Paulo: Perspectiva, 1975.

Fiorin, José Luiz 1996. As astúcias da enunciação: as categorias de pessoa, espaço e tempo. São Paulo: Ática.

FREIRE, P. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática pedagógica. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GERALDI, C. M. G. Cartografia do trabalho docente: professor-pesquisador. São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

LARA, Glaucia Muniz Proença. Semiótica Francesa Greimasiana. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG. Acesso em: 01/08/2022.

MARCUSCHI, Luiz Antônio 2006. Análise da conversação. São Paulo: Ática. Mendes, Wellington Vieira. As circunstâncias e a construção de sentido no blog / Wellington Vieira Mendes. - Pau dos Ferros, RN, 2010. 130 f.

MORRIS, Charles. Fundamentos de la teoria de los signos. Barcelona: Paidós, 1985.

NÖTH, W. (2003). Panorama da semiótica de Platão a Peirce. 4. ed. São Paulo: Annablume, 2003.

PEIRCE, C. S. (2005). Semiótica. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005. PEIRCE, C.S. Semiótica. São Paulo, Perspectiva, 1977, p. 159-160. Santaella, L. (2015). Semiótica aplicada. São Paulo: Cengage Learning, 2015.

Santaella, L (2012a). O que é semiótica. São Paulo: Editora Brasiliense, 2012a. SAUSSURE, F. Curso de linguística geral. 28. ed. São Paulo: Cultrix, 2012.

SOUZA, Warley. "Semiótica"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/redacao/semiotica.htm>. Acesso em 03 de janeiro de 2022.